

Restolho

Baixar o Céu

Sempre admirei José Mattoso, tanto porque também fui religioso, quanto também estudei, de certo modo, a cultura portuguesa, tendo precisado de ler muitos livros de história de Portugal. Um dos seus livros, metafísicos, é intitulado “Levantar o Céu”. EU concordo com o conceito, mas diria, antes ou por isso mesmo, poderá haver necessidade, também, de **Baixar o Céu**, como a Igreja que se inclina para com o povo de Deus, que vive no chão de terra e, alguns, nas catacumbas, sob ameaça de um guerra nuclear que se sempre esteve a se desencadear depois de duas guerras mundiais, significaria uma terceira e, desta feita, verdadeiramente definitiva nos seus nefastos efeitos. As alterações climáticas vão contra as ideia do Papa de um mundo harmonioso, veja-se este última encíclica a propósito de Pascal... ironicamente o inventor da máquina de calcular...

Vivemos, então, num tempo e numa circunstância mental mundial de ditadura do desejo. Se um quadro, um objeto, um ser humano, me atrai, estética ou libidinalmente, eu procuro possuí-lo. Este estratagema colide com o pensamento de Francisco, que rejeitou a herança de seu pai e da maioria dos padres, que têm essencialmente o essencial, ainda por cima para distribuir pelos pobres e ajudar na educação, especialmente nas América,s em África, na Ásia mais pobre. Há anos que me intriga esta relação entre o ter e o não ter, Ser e Ter, o constructo social de um ideal-tipo de Big Men da Melanésia...

Engels analisou a propriedade privada já no século 19. Hoje em dia, temos Anselm Jappe e a neuro economia, para além da inteligência emocional, tudo estratégias e dissertações que partem da ideia do ter em função da felicidade do homem. Uma certa ideia de felicidade, pois o animista tem mais critério na relação com o cosmo que ele conhece, do que o estrangeiro nova iorquino que, no seu contexto, anda sobreexcitado, cheio de freudianismos na sua mente e, na verdade pode ser relativamente feliz, mas no fim acaba com um ataque cardíaco ou um AVC, para além das mais diversas doenças nervoras próprias da civilização do cimento...a este propósito, veja-se Georges Devereux (*Essays d'Éthnopsychiatrie*), que adianta a ideia que há uma etnopsiquiatria para despistar doenças mentais nos países sub-

desenvolvido, ou seja, a doença mental é, antes de local, global... Assim, o homem da aldeia, em Portugal, é essencialmente feliz. Foi o que descobri pensando no meu pai. Não percebia porque é que ele não deixava a aldeia senão em condições excepcionais. Agora, está em convalescença e eu ainda equaciono em deixar Lisboa e reencontrar amigos de infância e quejandos...

Victor Mota